

5832 PD

PONTOS

DADOS PELA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

I. QUAL A IMPORTANCIA DOS CARACTERES FORNECIDOS PELO OVARIO, E PELO FRUCTO NA MESMA PLANTA?
POR QUE ALTERAÇÕES PÔDE PASSAR UM OVARIO ATÉ CHEGAR A SER FRUCTO PERFEITO?

II. ENCRAVAMENTO DA CABEÇA DO FETO.

III. QUAL A SÊDE DAS FEBRES INTERMITTENTES?

THESE

Apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e perante ella desenvolvida
e sustentada no dia 4 de Dezembro de 1851

POR

FRANCISCO D'ASSIS DA SILVA FERREIRA

DOUTOR EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE

Natural da Cidade do Recife (Provincia de Pernambuco)

FILHO LEGITIMO DE

MANOEL DA SILVA FERREIRA

On doit beaucoup exiger de celui qui se fait auteur par un sujet de
gain et d'intérêt; mais celui qui va remplir un devoir, dont il
ne peut s'exempter, est digne d'excuse dans les fautes qu'il
pourra commettre.

LA BOUTÈRE.



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua dos Invalidos, 61 B

1851

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR.

O SR. CONSELHEIRO DR. JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM.

LENTES PROPRIETARIOS.

Os SRS. DOCTORES:

1.º ANNO.

F. DE P. CANDIDO	Physica Medica.
F. F. ALLEMÃO	} Botanica Medica, e Principios elementares de Zoologia.

2.º ANNO.

J. V. TORRES HOMEM	} Chimica Medica, e Principios elementares de Mineralogia.
J. M. NUNES GARCIA, <i>Presidente</i>	
	Anatomia geral e descriptiva.

3.º ANNO.

J. M. NUNES GARCIA	Anatomia geral e descriptiva.
L. DE A. P. DA CUNHA	Physiologia.

4.º ANNO.

J. B. DA ROSA	Pathologia geral e externa.
J. J. DA SILVA	Pathologia geral e interna.
J. J. DE CARVALHO	} Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therapeutica e Arte de formular.

5.º ANNO.

C. B. MONTEIRO	Operações, Anatomia topographica e Apparelhos.
L. DA C. FEIJO'	} Partos, Molestias de mulheres pejudas e paridas, e de meninos recém-nascidos.

6.º ANNO.

T. G. DOS SANTOS	Hygiene e Historia de Medicina.
J. M. DA C. JOBIM	Medicina Legal.

CHISSEIRO

2.º ao 4.º M. F. P. DE CARVALHO	Clinica externa e Anat. Pathologica respectiva.
5.º ao 6.º M. DE V. PIMENTEL	Clinica interna e Anat. Pathologica respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

A. M. DE MIRANDA e CASTRO	} Secção das Sciencias accessorias.
F. G. DA ROCHA FREIRE	
A. F. MARTINS	} Secção Medica.
.	
F. FERREIRA DE ABREU	} Secção Cirurgica.
.	

SECRETARIO.

DR. LUIZ CARLOS DA FONSECA.

N. B. A Faculdade não approva nem reprova as opiniões emittidas nas Theses que lhe são apresentadas.

A MEU PRESADO PAI E MELHOR AMIGO

O Ill.^{mo} Sr.

MANOEL DA SILVA FERREIRA.

À MINHA EXTREMOSA E ADORADA MÃI

A Ill.^{ma} Sra. D.

SERAFINA DA COSTA REGO E SILVA.

Senhores. A vós devo não só a vida, como a honrosa posição que hoje occupo na sociedade. Offerecendo-vos o primeiro fructo dos meus trabalhos não pretendo pagar-me de quanto vos sou devedor; eu não faço senão obedecer aos impulsos do meu coração, que guião o reconhecimento e o amor filial.

Vosso obediente filho

Francisco.

A MEU SOGRO E VERDADEIRO AMIGO

O Ill.^{ma} Sr.

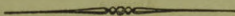
MANOEL FERNANDES DE CASTRO.

À MINHA ESTIMADÍSSIMA SOGRA

A Ill.^{ma} Sra. D.

ADELAIDE LISBOA CASTRO.

Pequeno signal de verdadeira estima, gratidão e respeito.



À MINHA EXTREMOSA ESPOSA

E A MEU QUERIDO FILHINHO.

.....
.....

O Autor.

A TODOS OS MEUS MANOS

E

CUNHADOS.

Amor fraternal.

A MEU PADRINHO

O Ill.^{mo} Sr. João do Rego Falcão.

Estima e respeito.

A MEU TIO

O Ill.^{mo} Sr. Francisco de Paula da Silva Ferreira.

Amizade.

A MEU PRIMO

O Ill.^{mo} Sr. João Ignacio do Rego.

Amizade.

Ao Ill.^{mo} Sr. Dr.

URBANO SABINO PESSOA DE MELLO.

Amizade.

Ao Ill.^{mo} Sr.

ANTONIO JOAQUIM DE MELLO.

Gratidão e amizade.

Ao Ill.^{mo} Sr. Capitão de Fragata

AUGUSTO WENCESLÃO DA SILVA LISBOA.

O Autor.

AOS MEUS MUI DIGNOS LENTES

OS ILL.^{mos} SRS. DOUTORES

**JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA,
THOMAZ GOMES DOS SANTOS.**

Testemunho de amizade, consideração e respeito.

A TODOS OS MEUS AMIGOS

E EM PARTICULAR

Aos Ill.^{mos} Srs.

DR. ALEXANDRE DE SOUZA PEREIRA DO CARMO.

DR. CARLOS FREDERICO DOS SANTOS XAVIER.

DR. MANOEL JOAQUIM FERNANDES EIRAS.

DR. JOÃO NEPOMUCENO DIAS FERNANDES.

DR. JOSÉ GONÇALVES DA SILVA.

DR. FRANCISCO PRAXEDE DE ANDRADE PERTENCE.

DR. ANTONIO MARCOLINO FRAGOZO.

BELARMINO DE ARRUDA CAMARA.

MIGUEL JOSÉ DA MOTTA.

FRANCISCO DE PAULA CARNEIRO LEÃO.

Fraco signal da amizade com que me honrão.

A TODOS OS MEUS AMIGOS DA INFANCIA

E EM PARTICULAR

Aos Ill.^{mos} Srs.

DR. ANTONIO EPAMINONDAS DE MELLO.

JESUINO FERREIRA DA SILVA.

MARCOLINO FERREIRA DA SILVA.

JOSÉ GOMES DO REGO CASUMBÁ.

Jámais se romperá nossa amizade.

Francisco d'Albis da Silva Ferreira.



PRIMEIRO PONTO.

Qual a importancia dos caracteres fornecidos pelo ovario, e pelo fructo na mesma planta?

Porque alterações pôde passar um ovario até chegar a ser fructo perfeito?

Tendo-nos dado a urna como ponto de sciencias accessorias, para sobre elle dissertarmos, aquelle que serve de titulo a este nosso trabalho, procuraremos satisfazer o rigor da lei; acobertando nossa fraca intelligencia com a erudição e sabias lições de nossos mestres, e assim desde já entramos em materia.

A primeira questão que se nos apresenta é a seguinte: « *Qual a importancia dos caracteres fornecidos pelo ovario, e pelo fructo na mesma planta?* » Antes de entrarmos no intrinseco desta questão, daremos uma breve noticia do ovario e do fructo, para em seguimento dizermos o que entendem os botanicos por caracter, importancia ou valor de caracter, e quantos grãos de caracteres ha; afim de melhor desenvolvermos a questão.

DO OVARIO.

O ovario (*ovarium*) é um orgão ouco, contendo os ovulos, que depois da fecundação encerrão o germen do fructo; occupa sempre a parte inferior do pistillo, pôde ser simples ou composto; isto é, pertencer a uma

(carpella) unica, ou a muitas soldadas em uma só. Um dos caracteres importantes deste órgão é de apresentar, sendo cortado longitudinal ou transversalmente, uma ou muitas cavidades, as quaes são chamadas lojas; nestas estão contidos os rudimentos dos (grãos): além disto, é no interior do ovario que os ovulos são fecundados, adquirindo todo o seu desenvolvimento, e transformando-se em (grãos.)

Este órgão pôde ser considerado, debaixo da relação de suas funcções, como analogo ao utero dos animaes, órgão tão essencial, porque nelle se parece operar, ou verdadeiramente se opera essa brilhante funcção, que representa na classe animal um importante papel.

Temos ainda a notar no ovario caracteres assaz importantes que nos são ministrados pela sua fôrma, sua posição, sua estructura interna, sua ovulação, &c.

FÓRMA. — A mais geral e mais habitual é a ovoide; entretanto em certas familias de plantas, é mais ou menos comprimido e alongado. As familias das *Cruciferas* e *Leguminosas* nos apresentam este character.

POSICÃO. — O ovario pôde ser supero, infero, parietal, fornecendo caracteres preciosos para o grupamento dos generos em familias naturaes.

Quando supero, é ordinariamente no fundo da flôr, correspondendo sua base ao ponto do receptaculo, onde se inserem igualmente os estames e os involucros floraes, sem que contráia adherencia com o calix: como se nota na familia das *Liliaceas*; o alho (*allium sativum*), a cebola (*allium cepa*).

Segundo Boitard, o ovário pôde ser elevado, logo que está collocado sobre um pedunculo, chamado gynophoro, por Mirbel, ou logo que se adelgaça e se allonga por sua base em fôrma de pequeno pedunculo, ao qual Richard tem dado o nome de podogyneo; pôde-se então chamar (podogynado) ou stypitado: como se nota na familia das *Caparidaceas* (genero *alcaparreira*). Quando infero, se acha soldado com a base do calix por toda sua superficie externa, ou unicamente por uma parte, e achando-se seu apice livre no fundo da flôr; character este que o distingue do ovario supero. As *myrtineas*, o jambo (*eugenia jambos*), a goiaba (*psidium pomiferum*), &c., são evidentes exemplos do ovario infero. Algumas vezes o ovario não é inteiramente infero, é livre por seu terço, por sua metade; e por seus dous terços superiores. Na familia das *Saxifragaceas* (genero

saxifraga) notão-se estes caracteres differenciaes. Ainda ha um caracter muito digno de attenção no estudo da flôr; é que todas as vezes que o ovario é infero, o calix é necessariamente gamosepalo. Segundo a opinião de muitos botanicos, e entre elles Richard, ha uma posição do ovario, que quasi sempre é confundida com o ovario infero, quando no seu estudo não prestamos muita attenção; queremos fallar dos ovarios *parietales*, isto é, quando muitas (carpellas) são reunidas em uma flôr e fixadas na parede interna de um calix muito estreitado em sua parte superior: um exemplo muito frisante do que avançamos nota-se na familia das *Rosaceas* (*genero rosa*). Temos ainda uma modificação do ovario, á qual se tem dado o nome de ginobasico (ovario applicado sobre um disco hypogynio, recebendo dos botanicos o nome particular de ginobasio) modificação esta que consiste na divisão, mais ou menos profunda, em certo numero de lobulos correspondendo ao das lojas, ficando o seu eixo central de tal sorte deprimido que á primeira vista parece não existir, e que nasce o estilete simultaneamente do disco, dividindo-se na época da maduração cada uma das partes de que se compõe o ovario, parecendo constituir um fructo.

O ovario pôde ser rente, quando não é elevado sobre nenhum sustentaculo particular: ou, segundo a opinião de alguns botanicos, entre os quaes citaremos Boitard, sem gynophoro, nem podogynio.

ESTRUCTURA INTERNA.—Para fallarmos sobre a estrutura interna do ovario é necessario que entremos em algumas minuciosidades sobre as divisões de suas lojas. O ovario provém sempre do verticillo mais interno da flôr, cujas folhas se chamão carpellianas; estas enrolão-se de duas maneiras differentes para formarem o ovario; primeiramente cada uma das folhas carpellianas se enrola sobre si mesma, formando uma carpella distincta; em segundo lugar, as folhas carpellianas se soldão por seus bordos, formando uma só cavidade: no primeiro caso o ovario é unilocular como no jambo, e no segundo bi ou multilocular, dando os botanicos o nome de loculo ou loja a cada uma das cavidades do ovario. É bilocular quando se compõe de duas lojas, como se nota na *digitalis*; trilocular quando apresenta tres lojas; tal é o do *lirio*; quadrilocular apresentando quatro lojas; como na figueira do inferno (*datura stramonium*), quinquelocular, como na *pêra*; multilocular quando apresenta um grande numero de lojas, como no *golphão*.

Boitard chama ovario acephalo, quando elle não tem estilete; monos-

tylo, distylo, trestylo, tetrastylo, pentastylo; quando elle tem um, dous, tres, quatro, cinco ou muitos estiletos.

OVULAÇÃO.—Cada loja póde conter um numero de ovulos, mais ou menos consideravel. Ha lojas que não encerrão senão um só ovulo: chamão-se uniovuladas; as familias das *gramineas*, por exemplo: a canna de assucar (*saccharum-officinarum*) dá evidentes exemplos do que disemos. Casos ha em que cada loja contém dous ovulos, então chama-se bivioladas: desta divisão devemos partir para o estudo da sua posição respectiva.

Algumas vezes os dous ovulos nascem de um mesmo ponto, e na mesma altura, chamão-se appostos, como no algodoeiro (*xylophillo*). Outras vezes, ao contrario, elles nascem um emcima do outro; então dá-se o nome de superpostos, como no *tamus communis*. Ao contrario se diz que elles são alternos, quando os pontos de insertão dos ovulos não se achão sobre o mesmo plano, ainda que se toquem lateralmente: por exemplo, na *pereira*, &c. Em certos casos cada loja de um ovario encerra um numero mui consideravel de ovulos; como no *tabaco*, porém estes podem ser dispostos de differentes maneiras. São muitas vezes superpostos regularmente uns acima dos outros sobre uma linha longitudinal, e se lhe dá o nome de uniseriados, como na *aristolochia*. Outras vezes são dispostos sobre duas linhas longitudinaes; são chamados biseriados; como no lirio. Finalmente, algumas vezes são espalhados, e sem ordem, como na *escamonea*. Conglobados, ou reunidos e ligados uns aos outros, de maneira a formar um globo; como em um grande numero de *Caryophylladas*, por exemplo, o cravo.

Passaremos agora ao estudo do fructo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O FRUCTO EM GERAL.

Lançando uma rapida vista d'olhos sobre o quadro brilhante que nos offerece a natureza, seguramente nos admiraremos dos grandes mysterios que ella em si encerra; ora, veremos o pequeno vegetal rastejando sobre o solo, em que se acha implantado, com o correr do tempo florescer em desenvolvimento, deixando ao contemplador, que observa estes mysterios, a duvida e a conjectura; ora, encaramos com espanto a fructificação, essa

operação (como se exprime um bello escriptor) a mais familiar, e a mais universal da natureza, fim unico a que vão attingir, como a um alvo seguro, as principaes funcções da vegetação. Assim o fructo, semelhante ao filho, que, educado por seus pais em tempo opportuno, é lançado na sociedade, cresce e fructifica, logo que as funcções de que temos fallado, chegam a este fim, sendo abandonados por todos aquelles órgãos que concorrêrão para sua formação, e por si tão sómente soccorridos pelos succos nutritivos, que tambem o deixão logo que tem tocado a maduração. Não é só ao botanico que interessa, em grande parte, o estudo desta parte da planta—o fructo—não, elle é de grande vantagem para o cultivador: ouçamos por um momento o que nos diz De Candolle em sua Flora Franceza: —*Mais d'ailleurs, quel parti ne tire pas le cultivateur laborieux de cette tendance presque sans bornes de la Nature vers la reproduction! Sollicitée par des mains assidues, dégagée des obstacles qui captivaient ses puissances, nourrie par des engrais salutaires, elle se conserve une grande partie des ses droits: elle nous restitue avec usure les semences que nous lui avons confiées avec économie; elle nous dédommage d'un léger sacrifice, pris sur ses libéralités, par ces moissons abondantes que nous rendent le fer qui leur a préparé la voie, mille fois plus précieux que l'or dont on les paie, et qui, d'un simple gramen rejeté dans nos spéculations vers la limite du règne végétal, font à notre égard la plus parfaite et la première de toutes les plantes.*

Do fructo.

A palavra—fructo—tem sido mais especialmente consignada aos fructos carnosos, que servem para a nossa nutrição; e é neste sentido que as arvores, que os produzem são chamadas fructíferas.

Differentes tem sido as opiniões apresentadas sobre o modo de encarar o fructo; ora (em um sentido muito geral) é o ovario fecundado que contém grãos, por exemplo: uma laranja; ora, em um sentido mais lato ainda se dá este nome ao todo dos ovarios fecundados, sustentados sobre o mesmo pedunculo; por exemplo: um figo, &c. Em botanica porém se designa pela palavra—fructo—o corpo formado do ovario fecundado e desenvolvido—opinião esta a mais seguida. Elle se compõe de duas partes: do pericarpo e o grão, ou de grãos contidos no pericarpo. Passaremos a dar uma idéa geral dos elementos que concorrem á sua composição.

Do pericarpo.

O pericarpo é a parte de um fructo, formado pelas paredes do ovario, e que contém no seu interior um ou muitos grãos. Elle determina a fôrma do fructo.

O pericarpo existe constantemente, sendo porém algumas vezes de tal sorte unido ao grão, que com difficuldade se distingue no fructo maduro. O que deu motivo a muitos autores pensarem que não existia pericarpo, e que os grãos estavam nús; como no milho, e as outras *gramineas*. As observações dos autores modernos, porém, tem provado o contrario; o pericarpo sempre existe, porque o ovulo, ou os ovulos, tem sido encerrados antes, e no momento da fecundação no interior de um ovario, que tem podido soldar-se ao grão, e tomado pouco desenvolvimento.

O pericarpo offerece ordinariamente sobre um dos pontos da sua superficie externa, ás mais das vezes em sua parte, a mais elevada, restos do estilete ou do stigma; os quaes indicão o cume organico do pericarpo, e por consequencia do fructo.

Algumas vezes o estilete e o stigma persistem e encontram-se ainda sobre o apice do fructo chegado á sua maduração, como nas papoulas.

Póde-se distinguir na espessura do pericarpo tres partes: 1.^a uma membrana exterior delgada, especie de epiderme: chama-se epicarpo; 2.^a uma outra membrana interna, que reveste a cavidade interior: ella tem recebido o nome de endocarpo; 3.^a entre estas duas membranas se acha uma parte parenchymatosa, que se chama sarcocarpo ou mesocarpo; estas tres partes reunidas e ligadas intimamente constituem o pericarpo. Quando o ovario é infero, isto é, todas as vezes que é soldado com o tubo do calix, o epicarpo é formado pelo mesmo tubo do calix, cujo parenchyma se confunde com o do sarcocarpo. Neste caso vê-se em uma distancia variavel do ponto da origem do estilete e do stigma, umas vezes os dentes ou divisões do limbo, outras vezes um rebordo mais ou menos saliente, formado pelo resto do limbo, que emana do calix, como na romã.

O mesocarpo, ou sarcocarpo é a parte parenchymatosa, na qual achão-se reunidos todos os vasos do fructo. É extremamente desenvolvido nos fructos carnosos, taes como os melões.

O endocarpo ou membrana parietal interna do fructo, é aquella que forra sua cavidade seminifera, e que quasi sempre é delgada e membranosa. Porém acontece algumas vezes, sobretudo quando as lojas do ovario não contém senão um ou dous ovulos, que é engrossada exteriormente por uma porção maior ou menor do sarcocarpo. Quando esta parte do sarcocarpo torna-se dura e com a consistencia ossea, envolve o grão, e constitue o que se chama uma noz ou nucleo, quando não ha senão uma só loja no fructo; e nucleos quando ha muitos.

Tendo dado uma idéa geral do pericarpo e dos elementos que entram em sua composição, trataremos de dar um pequeno resumo do grão.

Do Grão.

O grão é a parte de um fructo perfeito, que se acha contido na cavidade interior do pericarpo, e encerrando o corpo, que deve reproduzir o novo vegetal. Elle se compõe de episperma, de perisperma ou amendoa. O grão é para o vegetal o que o ovo é para o animal oviparo. O ponto pelo qual o grão é fixado, chama-se hilo ou umbigo. O hilo está sempre marcado sobre o tegumento proprio, por um ponto ou especie de cicatriz maior ou menor, que nunca occupa senão a parte de sua superficie, e no meio da qual os vasos do trophosperma communicão com os do tegumento proprio do grão.

Teriamos de entrar em muitas minuciosidades, se fôssemos descrever todo o fructo, porém como tenhamos outras materias com que occupar-nos, e nosso fim seja darmos a importancia dos caracteres do ovario e do fructo, passaremos agora ao ponto culminante da questão.

Character, é a expressão de uma mudança, ou de uma modificação qualquer em um órgão. Assim, quando dizemos: corolla, gamopetala, estames, monadelphos, as palavras — gamopetala — monadelphos — são expressões caracteristicas, que significão que a corolla é formada de petalas soldadas, que os estames são todos soldados em um só tubo ou feixe por seus filetes. Mas tambem se tem applicado o nome de character á reunião dos signaes

diagnosticos, que distinguem as especies, os generos, as familias, as classes, &c.; e é neste sentido que se diz: caracter especifico, caracter generico, caracter de familia, &c.

Valor ou importancia de um caracter é a maior ou menor persistencia deste caracter: o valor dos caracteres depende da importancia dos órgãos donde aquelles são deduzidos: assim quanto mais constante fôr um órgão, e a funcção donde se tirão os caracteres, tanto mais importantes são estes.

Os caracteres dividem-se em positivos e negativos; caracter positivo é o que se tira da existencia de um órgão, como vegetaes monocotyledoneos e dicotyledoneos, onde as palavras monocotyledoneos, dicotyledoneos, são caracteres positivos: caracter negativo é o que se deduz da carencia de um órgão, como vegetaes acotyledoneos, onde a palavra acotyledoneos é um caracter negativo, pois que mostra a privação ou carencia de cotyledones nestes vegetaes. Os caracteres negativos tem o mesmo valor e importancia que os positivos. Ha quatro grãos de caracteres — os do primeiro grão são constantes e invariaveis; os do segundo grão, são geralmente constantes, isto é, que existem no maior numero de familias; os do terceiro grão, são os que constantes em um certo numero de grupos, faltão sempre em outros; finalmente, os do quarto grão não tem nenhuma fixidez e são muito variaveis. Concebe-se que a importancia destes caracteres está na razão directa de sua maior invariabilidade. Assim um caracter invariavel do primeiro grão deve de alguma sorte equivaler a dous do segundo, e assim successivamente. Os caracteres do primeiro grão servem para formar as grandes divisões e secções dos vegetaes; estes caracteres são fornecidos por uma parte do fructo, que é o embrião; assim se formão as divisões de — vegetaes embryonados, e ennembryonados — ou as divisões dos vegetaes, monocotyledoneos, acotyledoneos, e dicotyledones —, cujo caracter é tirado da ausencia e da existencia dos cotyledoneos, bem como da sua indivisibilidade e divisibilidade, cujo órgão é uma parte do embrião, e portanto do fructo. A radícula, que é uma outra parte do embrião, tambem nos fornece caracteres de primeiro grão, formando-se as divisões geraes dos vegetaes, Arhisos, Endorhrisos, Exhorisos e Synorhisos. A inserção relativa dos estames com o ovario fornece tambem caracteres do primeiro grão, servindo para a formação das classes no methodo natural de Jussieu, como são, Monohypogynia, Monoperigynia, Monoepigynia, &c., isto é — inserção dos estames por baixo do ovario, á roda deste ou por cima.

Os caracteres fornecidos pela forma e consistencia do fructo não são constantes, e por isto podem ser arrançados nos caracteres do terceiro gráo, pois que na mesma familia se encontrão differentes fructos; assim a familia dos *Solaneas* póde apresentar uma capsula bilocular, como o tabaco; ou uma incompleta quadrilocular como na figueira do inferno, ou uma baga, como no tomate: a mesma variedade de fructo apresentão outras familias naturaes. A posição do embrião a respeito do gráo fornece-nos caracteres do segundo gráo, como são embrião homotropo, hortotropo, antitropo e anphitropo. Os caracteres do quarto gráo são tirados da forma e grandeza das folhas, do caule, das flôres e da inflorescencia. Em certas circumstancias o valor destes caracteres varia, passando um character do quarto gráo para segundo ou terceiro gráo; assim a figura do caule, que é character do quarto gráo, torna-se um character do segundo ou terceiro gráo na familia das *Labiadas*; cujo character principal é ter o tronco quadrangular. De tudo que temos dito se póde concluir, que o valor ou importancia dos caracteres tirados do ovario e do fructo na mesma planta é muito differente; porquanto os caracteres tirados do primeiro destes órgãos são constantes, e pertencem, pela maior parte, ao primeiro gráo; e os tirados da forma e consistencia do fructo, são muito menos constantes e arrançados no terceiro gráo. Na mesma familia dos *solaneas* nós achamos um exemplo que prova esta verdade; o ovario é supero, ordinariamente bilocular, e raras vezes tri, ou quadrilocular, polysperma com os ovulos fixados ao angulo interno; emquanto que o fructo desta familia offerece as modificações, de que acima fallámos.

Uma nova questão se nos apresenta:

Por que alterações póde passar um ovario até chegar a ser fructo perfeito?

Principiaremos por dar uma idéa geral da fecundação, apresentaremos alguns phenomenos que nella se passam, para chegarmos ao fim desejado; pois julgamos ser esta funcção aquella que nos dirige á resolução da questão.

ALGUMAS COSIDERAÇÕES GERAES SOBRE OS PHENOMENOS DA FECUNDAÇÃO.

A posição dos órgãos sexuaes, nos animaes e nas plantas, apresenta differenças dignas de nota. Os animaes, tendo a faculdade locomotiva, tem os órgãos sexuaes separados em individuos diferentes, um macho e outro femea. O macho em épocas determinadas, excitado por um movimento interno, procura a femea, e approxima-se della. Os vegetaes, ao contrario, privados de semelhante faculdade, fixados irrevogavelmente no lugar que os vio nascer, devendo ahi crescer, reproduzir-se e morer, tem em geral os dous órgãos sexuaes reunidos, não sómente no mesmo individuo, como as mais das vezes na mesma flôr: o que prova que o hermaphroditismo é muito commum nos vegetaes.

Entretanto alguns ha que, á primeira vista, parecião não se achar em circumstancias tão favoraveis, e nos quaes a fecundação julgar-se-hia ter sido abandonada pela natureza ao acaso. São estes os vegetaes *monoicos* e *dioicos*. Na realidade os órgãos sexuaes ahi são afastados um do outro, e muitas vezes em distancias consideraveis; porém admiremos ainda aqui a previdencia da natureza. Os animaes tendo a substancia fecundante liquida, o órgão macho deve obrar directamente sobre o órgão femea para o poder fecundar. Se nos vegetaes esta substancia tivesse sido da mesma natureza que nos animaes, não haveria duvida que a fecundação experimentaria os maiores obstaculos nas plantas *monoicas* e *dioicas*. Estando o pollen debaixo da fórma de um pó, cujas moleculas ligeiras e quasi imperceptiveis são transportadas pelos insectos e pelos ventos, algumas vezes em distancias muito consideraveis, dá lugar este phenomeno a que o vulgo chame chuva de enxofre. Ainda se vê que as mais das vezes nas plantas *monoicas*, as flôres masculinas são situadas na parte superior do vegetal, de sorte que o pollen, escapando-se da loja da anthera, cahe naturalmente, e por seu proprio peso, sobre as flôres femininas collocadas abaixo das primeiras. As flôres hermaphroditas são sem contradicção as que estão collocadas em melhores circumstancias

para provocar a fecundação; por isso que os dous órgãos sexuaes se achão reunidos na mesma flôr.

Phenomenos precursores da fecundação

A fecundação opera-se em geral nos vegetaes no momento da anthese; isto é, quando as partes que compoem a flôr tem chegado a seu desenvolvimento perfeito, os involucros floraes, desabrochando-se, descobrem os órgãos sexuaes. Agora que a flôr entre-aberta apresenta o primor da sua belleza, patentêa-se com todas as graças e adorno da mocidade; apressemo-nos em observar o que se vai passar nesta funcção.

Tudo nos annuncia (como se exprime um sabio autor) os preparativos de uma festa: existe na verdade uma, que é a mais bella da natureza, é um verdadeiro consorcio. Já, segundo a idéa engenhosa de Linnéo, está preparado no receptaculo o leito nupcial; a corolla forma delle a galla do vestuario; a anthera dourada, bem como um esposo na florente idade, brilha no alto de seu leito de alabastro; ella espera que o pistillo eleve seu humido stigma. Elle apparece, e de repente a anthera entreabre suas valvulas, o sopro da vida escapa-se debaixo da fórma de uma ligeira nuvem; o ar está carregado de principios de fecundidade, elles descansão sobre o stigma, penetrão-no, descem até o ovario, e se distribuem em cada um dos germens ou dos ovulos. Porém nem sempre isto assim se passa. Ha um certo numero de vegetaes nos quaes a fecundação tem lugar antes do desabrochamento completo da flôr, quando o perianthio encobre ainda os órgãos sexuaes; deste numero são muitas plantas da familia das *Sinantheras*: apresentando-se já abertas as antheras e em parte vasiaas, a flôr se abre; a fecundação está terminada.

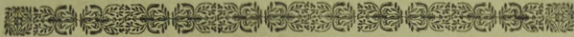
Phenomenos consecutivos.

Pouco tempo depois que a fecundação é operada, vê-se apparecer uma serie de mudanças annunciando a nova vitalidade, que se estabelece entre certas partes da flôr em detrimento das outras. A flôr, fresca até então, e ornada muitas vezes de côres as mais vivas, não tarda a perder seu

brilhante colorido e seu esplendor passageiro. A corolla murcha-se, as petalas seccão e cahem. Os estames, tendo preenchido as funcções para as quaes a natureza os tinha creado, experimentão a mesma degradação. O pistillo fica só no centro da flôr. O stigma e o estilete, tornando-se inuteis á planta, cahem igualmente. O ovario persiste só, pois que é em seu seio que a natureza tem depositado, para ali crescer e aperfeiçoar os rudimentos das gerações futuras do vegetal. É o ovario que, por seu desenvolvimento, deve formar o fructo. Não é raro ver o calix persistir com este orgão, e acompanhar até a sua inteira maduração. Convém notar que esta circumstancia tem lugar principalmente quando o calix é *gamosepalo*; se o ovario é infero ou parietal, o calix então persiste necessariamente, pois que elle lhe é intimamente unido. Algumas vezes é a corolla, que persiste como se vê na familia das *Ericineas*, o calix sobrevive á fecundação, colora-se em vermelho e fórma uma concha vesiculosa, na qual o fructo se acha contido. Nas macieiras, em uma palavra em todas as plantas que tem o ovario infero ou parietal, o calix persistindo fórma a parede a mais exterior do fructo.

Pouco tempo depois que a fecundação tem tido lugar, novamente o repetimos, o ovario começa a crescer; os ovulos, que elle encerra, a principio de uma substancia cellulosa e de alguma sorte inorganica, adquirem pouco a pouco mais consistencia; a parte que deve constituir o grão perfeito, isto é o embrião, se desenvolve successivamente, todos os seus orgãos se pronuncião, e em pouco tempo o ovario tem adquirido os caracteres proprios a constituir um fructo perfeito. Resumindo finalmente o que temos dito, avançaremos que estudada a fecundação debaixo do ponto que a encaramos, temos satisfeito a lei e resolvido a primeira questão que se nos apresentou.





SEGUNDO PONTO.

ENCRAVAMENTO DA CABEÇA DO FETO.

PROPOSIÇÕES.

I

Ha encravamento da cabeça, quando ella é retida no circulo da bacia por dous pontos diametralmente oppostos da sua circumferencia, de maneira a não poder ser expulsada, nem repellida do estreito superior.

II

O encravamento não póde ter lugar senão no caso de estreitamento da bacia, ou de desenvolvimento anormal do craneo do feto.

III

Os pontos da bacia entre os quaes a cabeça póde-se encravar são o angulo sacro-vertebral de uma parte, os pubis e seus ramos horizontaes da outra.

IV

Raramente ha encravamento no estreito inferior.

V.

O encravamento nunca póde ser completo; porquanto não ha união perfeita entre a conformação das duas partes, que se toção.

VI.

O encravamento póde ter lugar de duas maneiras, segundo o diametro occipito-frontal ou o bi-parietal da cabeça.

VII.

A tumefacção das partes genitales nem sempre é um signal de encravamento.

VIII.

Admittimos como signal patognomônico de encravamento a immobillidade completa da cabeça a ponto tal, que um instrumento qualquer não possa percorrê-la além de um quarto de circumferencia, sendo além disto detido pelos pontos em que ella toca no contorno da bacia.

IX.

A cabeça póde ser encravada em grãos differentes, e não é duvidoso, que em alguns casos, esforços energicos e prolongados possam triumphar do obstaculo.

X.

É falso suppôr-se que o encravamento exclue sempre a possibilidade da expulsão espontanea.

XI.

Apezar da grande difficuldade que ha em determinarmos a occasião em que se deve recorrer á arte, no caso do encravamento, comtudo pensamos, com alguns autores, que, quando um certo numero de contracções uterinas energicas se succedão sem produzir nenhum effeito

sobre a cabeça, é preciso terminar o parto; especialmente quando a parturiente tem esgotado a maior parte de suas forças, e algumas horas de expectativa decorrerão.

XII.

O melhor meio que a arte possui para a extracção do feto, é o forceps.

XIII.

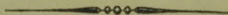
No caso de termos intima convicção da impossibilidade da extracção do feto (ainda mesmo vivo, bem a nosso pesar o dizemos), preferiremos a craneotomia, as operações—symphiseotomia e Cesariana.

XIV.

Com mais forte razão estando o feto morto praticaremos a craneotomia, &c.

XV.

Tanto para a parturiente como para o feto, podem sobrevir perigos diversos em consequencia do encravamento: estes perigos serão tanto mais graves quanto mais persistir este accidente.





TERCEIRO PONTO.

Qual é a séde das febres intermittentes?

Qual é a séde das febres intermittentes? Eis a terceira questão que a sorte nos deparou para ponto de sciencias medicas; questão, que desde a mais remota antiguidade tem occupado o espirito dos medicos. Levados do desejo de saber, elles se tem esforçado em descobrir o segredo de cuja solução depende a vida de seus semelhantes. Um sem numero de abalissados Praticos occupou-se desta ardua e espinhosa tarefa. Muitas opiniões tem sido debatidas por uns e sustentadas por outros. Apontaremos alguns autores que tem tratado da solução deste problema e algumas opiniões de que temos noticia.

A séde das molestias, diz Chomel, « nem sempre é facil determinar-se » e a historia da medicina mostra até que ponto as opiniões tem levado a « divergencia a tal respeito. E muito difficil se torna quando se chega á « áquellas que são caracterisadas pela perturbação geral das funcções, sem « affecção local primitiva; eu quero fallar das febres, e especialmente das « febres intermittentes; porque se ainda hoje existem dissensões entre os « medicos relativamente á constancia e ao valor das lesões nas febres conti- « nuas, não é muito que haja relativamente á impossibilidade de fixar a « séde do mal nas febres intermittentes. O habito exterior é alterado, a « circulação, o calor, a digestão, as secreções, as sensações, algumas vezes « as funcções intellectuaes, a respiração, a locomoção e a voz offerecem

« uma perturbação simultanea que dura um certo numero de horas e
 « cessa com o accesso. Onde está neste caso a séde do mal? Estará no
 « baço como alguns pretendem? Estará no estomago, nos intestinos, no
 « mesenterio? Estará no systema nervoso em geral, ou em algumas das
 « suas partes? No sangue ou em outro liquido que entra na composição
 « do corpo humano? porque todas estas opiniões tem tido ou tem ainda
 « seus partidarios; mas nenhuma dellas tem podido ser estabelecida sobre
 « bases assaz solidas para levar a convicção. »

Entre as muitas opiniões, uma dellas ensina que a febre intermittente reside em algumas das grandes divisões nervosas; outra vê na febre intermittente uma lesão visceral que ataca sobretudo os órgãos abdominaes. Uma outra opinião compara a febre intermittente a um envenenamento e vê na infecção dos fluidos a verdadeira séde desta molestia. Além destas opiniões ainda temos algumas de que em seguida fallaremos. A apparição prompta do frio, a interrupção, a volta do calor, depois o suor, a intermissão, a reaparição dos accessos, a cura pela quinina, são as principaes considerações sobre as quaes se tem apoiado os medicos, que tem collocado a séde das febres intermittentes no systema nervoso. No numero dos sectarios desta doutrina achão-se: Belini, Boerhaave, Cullen, Borelli, J. Franck, MM. Rayer, Brachet, Nepple, Bouillaud. M. Rayer tem insistido muito por fazer prevalecer sua maneira de ver, segundo a qual os phenomenos symptomaticos do primeiro estadio são para elle desordens funcçionaes da porção cerebro-espinhal do systema nervoso e dos órgãos que ella tem debaixo de sua dependencia: M. Brachet, achando que os soffrimentos occupão o centro epigastrico, vê nesta molestia uma modificação do systema nervoso ganglionario. Tal é ainda a maneira de vêr de M. Nepple, que se exprime assim: « Quando se analysa com cuidado os primeiros phenomenos da febre intermittente simples; taes como os calefrios, as nauseas, os vomitos, a sensibilidade ou a constricção dolorosa da região epigastrica, as dôres lombares e dos membros inferiores, os bocejos reiterados e profundos....., não se póde duvidar que os órgãos que dependem do systema nervoso dos ganglios não sejam a séde da molestia que faz objecto de nossas indagações. »

Pinel, que se esforçou por localisar as molestias, deu ás febres intermittentes a mesma séde, que ás febres continuas. Para elle a intermittencia não é senão um accidente destas affecções, que não muda a natureza. M.

Bouillaud suppunha que a intermittencia simples constituia a expressão symptomatica de uma irritação nervosa do systema vascular. Broussais, assim como Boisseau e outros, tem admittido na febre intermittente uma molestia de natureza phlegmasica, uma gastro-interite periodica com frequente irritação symptomatica do encephalo e de outras visceras. Hoeffler diz que a febre intermittente parece ter sua séde no systema nervoso (medulla espinhal) e que por sua acção prolongada ella arrasta a intumescencia e alteração do baço. Boerhaave e Stoll attribuem-na a uma affecção inexplicavel dos nervos. Selle a tem feito depender em parte de uma irritabilidade do systema nervoso, e notavelmente dos nervos das primeiras vias.

Allard colloca-a nos vasos absorventes, M. Boisseau diz—que para assim ser era preciso que todas as molestias intermittentes tivessem sua séde no systema absorvente. — Harvey, Fabre e outros piretologistas a tem attribuido á alteração do sangue, e Fabre diz que com muita razão M. Bretonneau tem chamado a attenção dos medicos sobre o estado da decoloração e fluidez do sangue, que, segundo este excellente observador, precederia algumas vezes os accessos da febre e os determinaria. O professor Rostan da mesma maneira pensa que as emanções deleterias que causão as febres intermittentes devem exercer sua acção a principio sobre os fluidos, o sangue, e que dahi ella influencia de uma maneira especial o systema nervoso. Willis a attribuia ao excesso ou falta de fluido nervoso. M. Andouard indica o baço muitas vezes intumescido como sendo a séde das febres de accessos: esta idéa tem sido adoptada por M. Piorry, que vê não só a séde da febre intermittente na obstrucção do baço, como tambem attribue o accesso periodico a esta hypertrophia, que uma minuciosa percussão lhe tem feito reconhecer desde os primeiros accessos. M. Nepple, que tem tido occasião de observar a febre de accessos em muitos doentes e sobre si mesmo, refuta M. Piorry lembrando que elle viu um bom numero de doentes desta enfermidade em que o baço não se engorgitava desde os primeiros accessos; que este órgão pôde permanecer engorgitado sem que a febre persista; que as recaídas são frequentes sem nenhuma obstrucção do baço; que esta obstrucção algumas vezes quasi impossivel de provar-se, se dissipa no intervallo de um accesso a outro ou pouco tempo depois da cessação completa da febre, emquanto que outras vezes, como tem observado Sydenham e com elle Nepple, a obstrucção esplenica não começa a manifestar-se bem, senão do momento em que os accessos tem sido detidos.

Valleix tambem contesta Piorry, dizendo que a intumescencia do baço não é constante. Ora diz este autor: — « Póde-se considerar uma lesão como essencial quando ella não é constante? Em segundo lugar eu tenho factos que provão que se podem cortar completamente as febres intermittentes sem que a intumescencia apresente a menor diminuição. De tudo isto é preciso concluir que a intumescencia do baço, que é facto muito notavel nas febres intermittentes, não póde comtudo ser considerada como condição organica essencial desta febre, mas unicamente como uma consequencia dos accessos. »

Roche & Sanson dizem: — « Todos os medicos concordão hoje em observar as febres intermittentes dos pantanos como verdadeiros envenenamentos miasmaticos, e entretanto disputa-se ainda sobre sua natureza. Para uns é uma névrose, para outros é uma gastro-enterite em todos os casos onde esta molestia é simples, e a inflamação intermittente dos diversos órgãos logo que ella é complicada ou perniciososa, e nós tinhamos até então defendido esta ultima opinião; mas parece-nos hoje que sua natureza reside no miasma que a produz; que sua séde é no sangue, e que os symptomas nervosos e inflammatorios pelos quaes ellas se manifestão, não são senão os effeitos do contacto do miasma sobre os centros nervosos e os principaes órgãos, e em particular sobre as vias digestivas. »

Giacomini diz em resumo — « 1.º que a febre intermittente tem sua séde no systema vascular sanguineo. 2.º Que debaixo do ponto de vista das alterações pathologicas é uma molestia continua, debaixo de sua fôrma symptomatica, tem uma marcha intermittente. 3.º Que, quanto ás suas causas, os seus symptomas, seus resultados e seus meios curativos, ella pertence á classe das molestias hypersthenicas, e que é umas vezes simplesmente dynamica, outras vezes associada a um fundo especifico. 4.º Que a alteração organica presumivel desta febre tem por essencia uma erysipela interna vascular (subarterite), a principio periferica, em seguida central. 5.º Que, se a molestia permanece durante um certo tempo, as arterias são então affectadas de phlogose chronica com accessos quotidianos agudos, seguidos ordinariamente de anasarca, ou antes de um estado de phlogose no figado, no baço, ou em alguma outra viscera; e ás vezes de uma alteração pathologica nos órgãos thoracicos. 6.º Que a febre perniciososa não é outra cousa senão uma arterite erysipelatosa muito viva, violenta com um nucleo muito profundo, ou com a congestão de alguma viscera essencial á vida. »

Agora passamos a apresentar a theoria do nosso digno lente de pathologia interna o Illm. Sr. Dr. Joaquim José da Silva, transcrevendo-a do Archivo Medico Brasileiro, escripto do Sr. Dr. M. M. de Moraes e Valle.

— « O Sr. Dr. Silva dá a febre intermittente como dependente de uma inflamação dos vasos lymphaticos, e é levado a esta opinião, não só pelas propriedades deste systema, como pela observação do que se passa nas suas affecções. Ora, as affecções que este pratico considera como dependendo de uma inflamação dos vasos lymphaticos são a angioleucite, ou a nossa erysipela, o endurecimento do tecido cellular, a elephantiaze dos Gregos, e a syphilis.

« Na angioleucite ninguem póde desconhecer uma inflamação dos vasos lymphaticos, inflamação que além dos symptomas locaes se manifesta não raras vezes por um frio conquassante semelhante ao das febres em questão, por insultos de hepatite ou gastrite, como frequentemente acontece nas mesmas febres, e depois por calor, terminando quasi sempre o insulto erysipelatoso a diaphorese; mas uma vez dada a erysipela, ha uma grande tendencia a renovarem-se os insultos, donde podemos colligir com razão a sua analogia com a febre intermittente, e poderíamos mesmo considera-la como uma febre intermittente de apyrexia mui espaçada, tanto mais quanto muitas das causas, que produzem esta ultima, dão origem á primeira.

« No endurecimento do tecido cellular é o Sr. Dr. Silva levado a admittir a existencia da lymphatite: 1.º, porque a autopsia sempre demonstra a existencia de lesões nos ganglios lymphaticos, entretanto que as lesões do encephalo e suas membranas, as dos pulmões ou as do apparelho digestivo, não são constantes; 2.º, porque acompanha frequentemente as molestias, que dependem de uma lymphatite, como seja por exemplo a angioleucite; 3.º, porque se manifesta debaixo das mesmas influencias que a nossa erysipela; poderíamos accrescentar que o character intermittente da febre seria uma ultima razão, se não fosse isto trazer para prova aquillo mesmo que se procura estabelecer. Mas daqui concluímos que dependendo evidentemente o endurecimento do tecido cellular de uma lymphatite, como mui bem desenvolveu em sua these o Sr. Dr. Marcellino, e sendo veridico que todas as vezes que elle dá lugar á reacção se manifesta uma febre intermittente de ordinario dupla terçan, daqui concluímos haver grande probabilidade da febre intermittente depender

de uma inflamação dos lymphaticos. Quanto á elephantias dos Gregos, tende o trabalho de assistirdes ás lições do lente de pathologia interna, que ficareis plenamente convencidos que esta enfermidade tem sua séde primitiva no systema lymphatico, e nas ultimas ramificações nervosas e venosas, isto é, que além da alteração dos lymphaticos existem alterações no systema nervoso e venoso, que vão ordinariamente da periphèria para o centro; mas o que ha de notavel é que, quando esta molestia está a se resolver, apparecem insultos erysipelatosos, ou então accessos de febre intermittente dupla terçan. Será preciso mais para concluir que nas febres intermittentes se achão lesados os lymphaticos?

« A syphilis hoje é geralmente considerada como atacando o systema lymphatico. Ora, se isto é verdade, como estamos persuadidos, e se tambem o é que nas affecções venereas ha exacerbações para a noite, e que em certos incommodos expressionaes da existencia do virus syphilitico, ha verdadeiros accessos de febre intermittente, temos ahi mais uma prova para a presente theoria das febres intermittentes.

« Além dos argumentos tirados do conhecimento das causas, séde, signaes e marcha das affecções precedentes, temos ainda observações de ophthalmias intermittentes, cuja historia vamos fazer, para della deduzirmos argumentos que muito aclararão a presente questão.

« Injecção dos vasos lymphaticos da conjunctiva, sem grande rubefacção, dôr forte, de modo nenhum em relação com o rubor, fazendo-se principalmente sentir para a noite, tempo em que todos os phenomenos se exacerbavão, e apparecia a febre de caracter intermittente, coincidindo tudo com a perturbação da vista, em consequencia de serem interceptados os raios luminosos pelos vasos lymphaticos injectados, taes são os phenomenos que o Sr. Dr. Silva encontrou em varios doentes affectados de ophthalmia intermittente, phenomenos que não deixão duvida alguma de estarem os vasos lymphaticos inflammados, e de produzirem por sua inflamação os phenomenos de intermittencia que notámos: tão verdade é que as lesões desse systema produzem em geral febre intermittente. As ligeiras observações que havemos feito sobre diversas molestias em que o systema lymphatico se acha lesado levão a todo aquelle que estiver bem compenetrado da veracidade dos factos, a acreditar que nas febres intermittentes o mesmo systema se acha affectado: e por certo que sua crença se apoia nos factos, e se acha concorde, não só com a natureza

das funções desse systema, como com as idéas physiologico-pathologicas que possuímos.

« A anatomia nos ha demonstrado que os vasos lymphathicos da metade inferior e os do quarto superior e esquerdo do corpo se terminão em um reservatório commum, o canal thoracico, o qual vai desaguar no tronco da veia subclavia esquerda, entretanto que os do quarto superior e direito acabão por um tronco mui curto, veia lymphatica direita, que se abre na subclavia do mesmo lado: alguns se terminão immediatamente nas veias vizinhas.

« A physiologia nos faz conhecer que os vasos lymphaticos são os grandes agentes da absorpção, que sua sensibilidade é mui obtusa sem que por isso deixem de ser irritaveis (*), que o tracto da lymphá se faz de uma maneira lenta e uniforme.

« Supponha-se agora que as radículas lymphaticas se achão inflammadas, dahi resulta que a lymphá, liquido por ellas elaborado, se altera, não póde ter mais as mesmas propriedades que no estado physiologico desses órgãos, antes pelo contrario adquire propriedades irritantes da mesma maneira que as lagrimas se tornão irritantes na inflamação da glandula lacrymal, que o muco das fossas nasaes escoria o labio superior na coriza, que a bilis determina a interite na hepatite, &c. A lymphá elaborada pelas radículas lymphaticas inflammadas torna-se irritante, tracta de vaso em vaso até ser lançada no systema venoso: este, como muito mais sensivel, se resente, e pelos filetes nervosos, que se distribuem em suas paredes, produzem abalo no systema nervoso, que repercute em toda a economia; derramada pelas veias caveas no coração, este irritado augmenta de actividade, suas contracções tornão-se mais fortes e mais frequentes, em uma palavra representa inteiramente a lymphá o papel de um fluido irritante, que deve ser eliminado.

« Com effeito, um trabalho de eliminação se estabelece, e um suor copioso é o meio por que a economia se desembaraça de um liquido, que se

(*) «.... si l'on se rapelle ces expériences d'Hewron et de Cruikshank, par lesquelles ils ont reconnu que l'on déterminait à volonté le frisson, en déterminant par la piqure d'une épingle, une lésion des lymphatiques. Voyez, dans l'ouvrage déjà cité de Mr. Alard, les faits d'où il conclut que le frisson n'est autre chose que la manifestation du mode de sensibilité des lymphatiques. (Dic. Médic.). »

fosse demorado na torrente da circulação, daria necessariamente lugar a graves accidentes.

« A calma succede a esta desordem: 1.º, porque a porção de lympha que deu lugar a todos os phenomenos que observamos n'um accesso de febre intermittente, se acha fóra do organismo; 2.º, porque os vasos lymphaticos muito morosos na fabricação do fluido que contém, não derramão mais nas veias materiaes irritantes, e isto é tão innegavel, quanto nós sabemos que a actividade de muitos systemas na economia é incompativel; ora, aqui houve uma grande actividade nas funcções secretorias de pelle, uma direcção das forças organicas para o systema tegumentario externo, donde logicamente se conclue que as radículas lymphaticas morosas na formação do fluido do mesmo nome, ainda se tornão mais, em consequencia da concentração activa das forças sobre a pelle.

« Depois do accesso deve pois succeder a calma: é o que na realidade acontece.

« Mas os vasos lymphaticos, permanecendo irritados, e tendo cessado o trabalho eliminatorio, continúa a formar-se a lympha do mesmo modo que primitivamente: esta, derramada no systema venoso, produz um novo accesso seguido de sua apirexia; assim se vai repetindo a mesma scena, até que uma causa qualquer ponha fim a este estado de cousas.

« Se presentemente attendermos a que os vasos lymphaticos distão uns mui pouco, outros muito dos grandes troncos, que se vão abrir nas subclavias; a que umas vezes grande numero se achão lesados, outras pequeno: a que em alguns casos a lympha é em maior, em outros em menor quantidade: a que a força irritante do liquido póde guardar todos os grãos intermedios ao muito forte e ao muito fraco; se attendermos a todas estas circumstancias, poderemos explicar a intensidade e duração dos accessos e a grandeza dos intervallos que os separão.

« De tudo quanto havemos dito sobresahe esta verdade, que já a observação das molestias do systema lymphatico nos tinha feito presentir, que a febre intermittente depende da chegada ao systema vascular de sangue escuro de uma porção de lympha alterada: a illação é justa, porque é um principio logico, que dada uma hypothese, seguindo-se della tudo quanto se devia seguir, a hypothese é verdadeira; ora nós vimos que uma lymphatite deve produzir tudo quanto se passa na febre intermittente, justo é pois admitti-la em tal molestia.

« Aqui devemos observar áquelles, que nada sabendo tem por officio oppôr-se a tudo que revela o saber e a intelligencia, que nem toda a lymphatite produz febre intermittente, da mesma maneira que nem toda a hepatite torna a bilis irritante, por isso que hepatite ha com supressão da secreção biliar.

« A nossa conclusão vai ser fortalecida pelo estudo, que vamos fazer das causas. Estas são predisponentes, ou determinantes.

« *Causas predisponentes.* — São predispostos os individuos de temperamento lymphatico, e os do sexo feminino (*). Isto por certo concorda com a nossa opinião. A nenhuma idade respeitão as febres, mas as creanças e os adolescentes são mais sujeitos. Emfim as profissões que obrigão aos individuos a trabalhar em terrenos paludosos, &c., em uma palavra todas as circumstancias da vida, que nos põe debaixo da influencia das causas determinantes, são causas predisponentes.

« *Causas determinantes.* — Substancias ha que postas em contacto com a membrana mucosa-gastro-intestinal desenvolvem, ou dão origem ás febres intermittentes. Prescindindo dos casos em que tal ou tal substancia produz as febres, sem nos importarmos com a natureza da substancia ingerida, nós affirmamos, que, dada a ingestão de uma substancia, qualquer que seja a sua natureza, e originando-se febre intermittente, isto depende, ou de que os lymphaticos não se achão em condições physiologicas, ou de que havendo estas condições physiologicas, as substancias ingeridas são de natureza a faze-las cessar.

« A primeira supposição dimana de principios claros, evidentes, innegaveis; porquanto os chyliferos (porção mesenterica do systema lymphatico) são os agentes da absorpção chylifera, e não podem, em condições pathologicas, formar um chylo bom; ora, um chylo máo concebe-se mui bem que possa originar a febre intermittente.

« A segunda supposição não é menos racional, porque, estando tudo no estado normal, concebe-se que a substancia ingerida não podia causar a febre sem modificar a mucosa, seus nervos ou seus vasos; ora, sendo os vasos lymphaticos os que obrão sobre a substancia ingerida, são elles que devem ser modificados.

(*) • Verdade é que maior numero de homens são atacados, mas isto depende de estarem de ordinario mais expostos á acção das causas determinantes. •

« Aqui cabe trazer um facto que nenhum clinico ignora, a saber: dado um purgante depois de uma febre intermittente, de ordinario reapparece a febre. Este facto acha a sua explicação natural na presente theoria. Dais um purgante, necessariamente irritais os lymphaticos da mucosa intestinal; ora, se estes é que estavam inflammados, evidentemente reapparece a febre; se os de outra parte do corpo, irritando os dos intestinos, determinais sympathicamente a irritação dos dessa parte do corpo.

« Os miasmas podem ser ingeridos sobretudo com os liquidos, seu modo de obrar então é o mesmo que o das substancias ingeridas. As mais das vezes porém modificão o organismo operando sobre a mucosa pulmonar. Dizemos sobre a mucosa, porque acreditamos, que se o sangue, durante a hematose, se apoderasse dos miasmas introduzidos com o ar, não devião os accessos continuar depois do individuo ter-se mudado para lugar, onde o ar não seja miasmatico, como muitas vezes acontece, porque pensamos, que, quando os miasmas se condensão conjunctamente com o oxygeno no acto da hematose, se deve dar antes uma febre typhoide. Emfim, julgamos que as exalações paludosas, pondo-se em contacto no acto da inspiração com a superficie mucosa pulmonar, ou antes bronchica, e se condensando, em consequencia das mucosidades (*), torna-se mui facil aos vasos lymphaticos, que ahi existem em grande numero, de os absorverem e de alterarem-se em consequencia de sua acção deleteria.

« O frio dá lugar a congestões para os diversos orgãos: deverão os lymphaticos formar excepção? Pensamos que não. Congestionados ou inflammados, temos a febre intermittente.

« Ha ainda uma causa mui notavel, é a cauterisação do canal da urétra nos seus estreitamentos. Com effeito o Sr. Dr. Silva e mais alguns praticos do Rio de Janeiro tiveram occasião de observar em individuos que soffrião de estreitamento, que apenas se cauterisava, apparecia a febre intermittente, a qual cessava pelo emprego de sulphato de quinina, e tornava todas as vezes que se procedia a uma nova cauterisação; ora, considerações em que não entraremos, nos autorisão a acreditar na alteração dos lymphaticos no estreitamento da urétra: concebe-se então que fortemente irritados dão lugar á febre intermittente pela maneira por nós indicada.

(*) « Não são só as mucosidades que, condensando os miasmas, podem produzir a febre intermittente. A saliva é muitas vezes o vehiculo dos miasmas; por isso é que se recommenda nos hospitais de não engulir a saliva. »

« São estas as causas que julgamos dever examinar; muitas faltarão, mas sufficiente nos parece o que sobre ella havemos dito, para provar que em geral obrão sobre o systema lymphatico, e que, quando produzem a febre intermittente, é inflammando as radículas lymphaticas. Do tratamento tambem podemos tirar argumentos que fortifiquem a nossa maneira de vêr. Fallaremos porém sómente da applicação do sulphato de quinina.

« Esta substancia, cuja tonicidade é grandemente desenvolvida, sendo ingerida e depois absorvida, irrita fortemente o systema venoso, e o põe em estado de se não resentir do estímulo da lymphá alterada; isto deve ser assim, porque na presença de duas dôres tendo a sua séde no mesmo lugar, a maior escurece a menor. D'outro lado é de observação, que administrado o sulphato de quinina em uma febre intermittente, não se declarando a diaphorese, a continuação do emprego desse meio em lugar de restabelecer a saude, dá um resultado á progressiva approximação dos accessos, e afinal a transformação da intermittente em febre contínua, que só cede ao emprego do tratamento antiphlogistico, febre contínua devida de uma parte á demora na torrente da circulação da lymphá alterada, de outra parte á irritação que se tem propagado aos capillares rubros. (*)

« O sulphato de quinina obra pois pondo o systema venoso em condições taes a não sentir o estímulo produzido pela lymphá alterada, e favorecendo sua eliminação por meio da diaphorese a que dá lugar: quando isto não acontece, seu emprego, em lugar de ser util, torna-se prejudicial.

« Póde ainda obrar secundariamente deslocando a irritação, por isso que não póde haver diaphorese sem estímulo, por isso que não póde haver excitação no systema rubro sem o mesmo estímulo.

« Por esta maneira de obrar do sulphato de quinina vemos que elle cura, não obrando sobre a lymphatite, mas sim modificando o organismo de maneira a não manifestar os symptomas de reacção, por isso é que se encontram bastantes vezes individuos que, curados pelo sulphato de quinina, recahem no fim de certo tempo; por isso é que, quando empregamos conjunctamente o tratamento antiphlogistico, a cura é então radical, faz-se desaparecer a febre pelo sulphato de quinina, e a lymphatite pelo tratamento antiphlogistico.

« Eis o que nos occorreu dizer sobre a applicação do sulphato de quinina,

(*) Segundo o Sr. Dr. Silva, a febre contínua é devida á inflamação dos capillares rubros.*

e com o que já dissemos, largamos a penna, protestando que escrevendo estas mui mal traçadas linhas, só quizemos fazer conhecer a todo o mundo que no Brasil praticos ha abalisados que estudão a natureza das molestias, e sobre ellas formão idéas dignas de serem estudadas: antes de darmos fim, releva confessar que este trabalho sendo puramente a maneira por que concebemos a theoria do muito digno Sr. Dr. Silva, os erros que nelle se encontrarem em nada devem prejudicar á theoria deste nosso patricio. »

Grisole diz : « Seria ocioso discutir para provar que a febre intermittente não é uma inflamação. Diremos nós que é uma nevrosthénia (Gianini), uma nevrose (Brachet e Rayer), uma irritação cerebro-espinhal (Maillot), uma affecção do systema ganglionario (Worms)? Pareceria assás natural ligar a uma perturbação nervosa os principaes symptomas da molestia. Entretanto nós não sabemos nada de positivo a este respeito, e é melhor confessar nossa ignorancia que encobrir-nos com algumas palavras mais ou menos pretenciosas, que nos deixarião muitas vezes embaraçado em as definir. Não só se tem querido localisar a febre intermittente, mas ainda tem-se pretendido explicar sua periodicidade, emittindo a tal respeito opiniões de tal sorte extravagantes, que julgamos de nosso dever não fallar dellas. Em resumo, na historia da febre intermittente, é preciso persuadir-nos que ignoramos o que constitue o miasma, sobre que órgãos exerce elle sua acção, e de que maneira a quina obra para a neutralisar. »

Mr. Littré, no dictionario de medicina diz: « Muitas hypotheses se tem imaginado para explicar d'um lado, como os miasmas exhalados pelas aguas estagnadas produzem as febres intermittentes, d'um outro lado, como a quina alcança a cura destas febres. Eu não exporei estas hypotheses, porque ellas são inuteis. Eu não as refutarei, porque se refutão por si mesmas, eu não ensaiarei imaginar alguma, porque, sobre que base construi-la, quando se ignora qual é a substancia, que constitue o miasma, sobre que órgão ou tecido do corpo humano sua acção se exerce, a que systema se dirige a efficacia da quina? Tudo o que se pôde dizer, é que, entre o miasma desprendido dos pantanos, o corpo humano e a quina, existe uma relação secreta, uma connexão mysteriosa, cujos caracteres nos escapão, e que só seus effeitos são visiveis. »

« As conjecturas e as explicações não tem sido menos aventuradas sobre a séde e a natureza da febre intermittente. A séde é completamente desconhecida; nenhuma indagação tem demonstrado anatomicamente seu

ponto de partida: por considerações physiologicas chega-se a associar ao systema nervoso os principaes symptomas, que a caracterisam. Entretanto é só o que se póde dizer. Sua natureza não é menos ignorada: a febre intermittente não póde ser uma inflamação, pois que ella não tem séde anatomica; porém o que se sabe é que ella favorece grandemente o desenvolvimento de congestões e irritações. »

A vista das opiniões de tão illustrados medicos, e da divergencia, que entre elles existe, como precisarmos a séde das febres intermittentes?....

Não nos atrevemos a fazer analyse de nenhuma destas opiniões, pois que cada uma dellas é baseada sobre observações, mais ou menos escrupulosas, e presididas mais ou menos pelo espirito de partido: a nossa pratica mostrará qual destas opiniões deveremos seguir.



HIPPOCRATIS APHORISMI.

I.

Cibi, potus, venus, omnia moderata sint. (Sect. 2.^a, aph. 6).

II.

Cum morbus in vigore fuerit, tunc vel tenuissimo victu uti necesse est.
— (Sect. 1.^a, aph. 8).

III.

Spontanæ lassitudines morbos denuntiant. — (Sect. 2.^a, aph. 5).

IV.

In morbis acutis extremarum partium frigus, malum. — (Sect. 7.^a, aph. 1).

V.

Somnus, vigilia, utraque modum excedentia, malum. — (Sect. 7.^a, aph. 71.)

VI.

Mulieri, menstruis deficientibus, sanguis è naribus, profluens, bonum.
— (Sect. 5.^a, aph. 33.)

Esta these está conforme os estatutos.

Rio de Janeiro, 22 de Novembro de 1851.

DR. JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA.